Bolchevismo - Subumanidade Judaica

Traduzido do original das SS

1. Índice

- Prefácio
- Capítulo Um: **A Rússia até a Revolução de Outubro**
- Capítulo Dois: **O judeu - um parasita entérico e destruidor**
- Capítulo Três: **Chefes judeus e judeus na União Soviética**
- Capítulo Quatro: **Industrialização**
- Capítulo Cinco: **O trabalhador na União Soviética**
- Capítulo Seis: **O caminho do camponês russo**

- Capítulo Sete: **A família soviética**
- Capítulo Oito: **Terror e trabalho forçado**
- Capítulo nove: **Observação final**

Prefácio

O presente trabalho reconhece o judeu como o verdadeiro portador do bolchevismo.

Em uma breve visão geral, pretende-se mostrar as raízes judaicas do bolchevismo e retratar seus efeitos devastadores sobre toda a vida do homem russo.

Somente quando nos lembramos dos objetivos mundiais e de decadência do povo que o bolchevismo judaico almeja, podemos avaliar o perigo que a União Soviética, como expressão visível da sub-humanidade judaica, representa para a Europa e o mundo.

As ilustrações foram intencionalmente omitidas, pois todo homem da SS e policial reconhece, por suas próprias experiências ou pelos relatórios pictóricos dos Weekly Newsreels e publicações, o tipo de judeu-bolchevique e suas “obras”.

Capítulo Um

A Rússia até a Revolução de Outubro

A mistura russa de povos e raças

Os mais diversos povos e raças percorreram as vastas regiões da Rússia ao longo dos milênios. A massa informe e sem forma de homens alpinos de língua eslava, incapaz de formar um Estado, recebeu sua primeira ordem estatal dos vikings. Os ousados viajantes de sangue nórdico foram os que criaram impérios significativos a partir dos centros de Nowgorod e Kiev. Quase parecia que o enorme espaço no leste seria organizado e liderado pela Europa. Mas o sangue nórdico logo se dissipou.

Tempestade vinda do leste

Do leste, surgiu o mundo das estepes, o mundo nômade da Ásia, contra a mistura do povo eslavo. Não foi nada produtivo que a Ásia enviou. O domínio tártaro de duzentos anos sobre a Rússia corroeu profundamente o sangue eslavo e completou a transformação do homem alpino. E é assim que um eslavo, Johann Peisker, caracteriza o russo:

“Há primeiro o escravo eslavo que caiu abaixo do animal, depois o conquistador nórdico disciplinado em corpo e espírito e, finalmente, o filho selvagem da estepe, o turco-tártaro, a besta. Cada um de nós tem algo desses caracteres contraditórios. Daí a nossa falta de equilíbrio interior, daí a nossa inconstância, a nossa indiscrição. ”

Igreja Bizantina

Essa desunião da base racial foi encoberta pela rígida igreja bizantina, que aparentemente atraiu tudo para sua órbita. E assim como a igreja romana reivindicou a dominação mundial, a igreja russa também acreditou que poderia reivindicar a melhoria do mundo.

Capacidade eslava de sofrer

A capacidade eslava de sofrer, a chama destrutiva da porção estepe no sangue russo e o senso ortodoxo de missão formam um pré-requisito essencial para o posterior avanço do bolchevismo na Rússia.

A estrutura da Rússia se reflete na tremenda injustiça social que caracteriza a Rússia antiga. Antes da Guerra Mundial, mais de 80% da população russa era de camponeses. Eles estavam subordinados a uma pequena classe dominante feudal, que tinha a posse ilimitada do povo. Esse abismo nunca foi superado; ele produziu uma grande tensão entre a massa do povo e a classe dominante e um controle despótico da classe dominante.

Chamada para o Ocidente

Certamente, não faltaram tentativas de absorver a cultura europeia, de virar o rosto da Rússia para o Ocidente. Mas essas tentativas continuam sendo episódios. Os elementos raciais não europeus eram mais fortes, de modo que a europeização espiritual não foi bem-sucedida.

Mas onde os portadores da classe dominante foram inspirados pelo espírito da Europa, a indisciplina psicológica do homem alpino é novamente observada. O despotismo ilimitado se transformou em uma consciência de culpa social radical (Tolstoi); em termos políticos, entretanto, surgiu um terrorismo que só conhecia a destruição. O resultado é o terrorista, cuja atividade é resumida no slogan: "Revolta! Assassinato! Atire!"

Mas uma nova vida parecia se desenvolver em um setor muito importante da vida na Rússia. O ministro russo Stolypin (ele nasceu em Dresden!) tentou estabelecer um campesinato russo baseado no princípio europeu da propriedade privada. Uma classe de camponeses orgulhosos de possuir sua própria propriedade deveria ser a responsável pelo futuro rejuvenescimento do estado agrário russo. Mas Stolypin não teve tempo para amadurecer seus planos. Em 1912, ele foi morto a tiros por um judeu em um teatro em Kiev.

Tiros contra o fortalecimento do campesinato

Os tiros contra Stolypin iluminam imediatamente a situação. O judeu assassinou o criador de um campesinato forte! Com instinto seguro, esse espírito destrutivo e enraizado do judaísmo atingiu com o assassinato o baluarte que oferecia a maior resistência contra qualquer revolução, mas, acima de tudo, contra a pretensão judaica ao poder. Os tiros contra Stolypin mostram o puxador de fios judeu que também está por trás dos movimentos revolucionários da Rússia pré-guerra. Mas esse assassinato de Stolypin revela ainda mais: O judeu que atirou não era apenas um terrorista, ele também estava a serviço da polícia secreta russa, com a missão de proteger o Czar! Esse sempre foi o “trabalho” dos judeus: Ele aparece disfarçado de bom

cidadão contra a revolução e, ao mesmo tempo, destrói tudo o que poderia atrapalhar a revolução.

Mesmo na Rússia pré-guerra, os judeus desempenharam um papel de liderança nos movimentos revolucionários. Em relação à economia, ele controlava quase totalmente o comércio de madeira, a exportação de grãos e o empréstimo de dinheiro aos proprietários de terras russos. No entanto, entre a população camponesa, o judeu se destacava como proprietário das tabernas da aldeia e comerciante de álcool. O regime do Czar, que às vezes interveio severamente contra a subversão judaica, deveria ser derrubado a qualquer preço.

A derrota russa na Guerra Mundial de 1914 a 1918 abriu as portas para as forças destrutivas. Chegou a hora dos judeus. Com a Revolução de Outubro de 1917, a Rússia deixou de existir. Até hoje não falamos mais da Rússia. Com toda a razão. A onda vermelha de 1917 lançou todos os elementos de destruição, desenraizamento e veneno judaico que haviam se acumulado na Rússia. Além disso, novos bandos de judeus famintos por saques de todos os países chegaram, prontos para conquistar uma posição de poder aqui, a partir da qual a dominação mundial de Judá deveria ser alcançada. Daí também o novo nome: URSS, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Aqui não havia mais nenhum povo, nenhuma Rússia; aqui havia apenas repúblicas soviéticas, às quais deveria ser acrescentado um novo território soviético após o outro, até que o objetivo fosse alcançado: a União Soviética Mundial.

Segundo capítulo

O judeu - um eterno parasita e destruidor

Uma grande parte do mundo burguês viu no bolchevismo uma visão de mundo que, a princípio, foi incondicionalmente condenada. Mas quando mais tarde foi demonstrado que o bolchevique também podia aparecer de smoking no exterior, muitos estavam prontos para aceitá-lo como um fato russo. Uma propaganda habilidosa também ajudou a enganar o mundo.

O trabalho do eterno judeu

A máscara caiu. Por trás dela, visível a todos, está o judeu eterno. Com razão, não se vê o bolchevismo como uma manifestação do período moderno, mas sim como um produto do pensamento judaico — tão antigo quanto o próprio judaísmo. Do Antigo Testamento ao Talmude, dos “gênios financeiros” dos reis e governantes, das grandes revoluções do mundo e do manifesto comunista de Mardochai-Marx às mais recentes “criações” da raça judaica, uma linha se estende até o único objetivo dos judeus: o estabelecimento do domínio judaico sobre o mundo. Apenas os métodos e os disfarces mudam, adaptando-se às diferentes épocas e respectivas situações.

O que diz o Antigo Testamento?

“Você governará muitos povos, mas nenhum deve governar você.” E ainda: Jahwe, o deus judeu, obviamente sabe da diligência de seu “povo escolhido”, pois promete: “dar-lhe grandes e ricas cidades, que ele não construiu, e casas cheias de bens, que ele não encheu, e poços cavados, que ele não cavou, e vinhedos e olivais, que ele não plantou.” ”

Terror

É completamente claro que as pessoas produtivas, que deveriam construir tudo isso, não deixarão voluntariamente os locais de seu trabalho e esforço para que os judeus possam vir e viver uma vida esplêndida. Também nesses casos, os judeus seguem as ordens de seu deus horrível: eles assassinam, saqueiam e queimam tudo o que se opõe a eles.

Como povo parasita, o judeu já surge na pré-história sombria. Roubo, fraude, assalto e assassinato contra não judeus e a contaminação do sangue de outros povos é obra do “povo escolhido”, uma obra que visivelmente repousa sobre a bênção de seu deus Jahwe. O judeu nunca construiu nada. A destruição sempre foi sua obra.

Ele chegou às cidades mais prósperas como negociante e comerciante. Assim que teve dinheiro e influência econômica, ele soube como adquirir

poder também. Ele subverteu de dentro para fora o povo anfitrião até que estivesse maduro para uma revolução, que deveria entregar o poder a ele. “A revolução é a estrela de Judá, que iluminou a escuridão sobre as cabeças de Israel e iluminará ainda mais”, assim julga o historiador judeu H. Graetz em sua “História dos Judeus”.

Revolução a qualquer preço

Portanto, revolução a qualquer preço! Nos estados europeus, supostamente era para permitir a democracia e, a partir desse trampolim, avançar para a ditadura bolchevique. Somente na chamada democracia o judeu encontrou a oportunidade — sob o manto da “liberdade de opinião” — de infectar a economia, a cultura e a política com o pensamento judaico.

Aqui ele pode agitar o povo contra si mesmo sob o disfarce do parlamentarismo irresponsável. O domínio da imprensa permite-lhe dirigir a “opinião pública”. Qualquer sentimento de dever e consciência de responsabilidade é rotulado de ridículo. Ele incita os instintos mais baixos da escória do povo. Ele incita o desejo e agita a sede de destruição das massas sob o pretexto de uma vida paradisíaca. Ele direciona as massas contra os grupos racialmente valiosos do povo e destrói todo sentimento moral.

Quando o povo, por meio da autoaniquilação e da guerra civil, é roubado de suas camadas dirigentes, ele esmaga as massas populares sem liderança por meio do terror mais sangrento e ergue sua ditadura judaica.

“Domínio do proletariado!”

Onde está o “domínio do proletariado” que o judeu Mardochai tanto apresentou aos trabalhadores traídos do mundo? O trabalhador apenas mudou de senhor. Ele se tornou escravo da exploração puramente judaica.

Esse é o grande crime de Marx: ele arrancou o trabalhador de qualquer base de vida popular, degradou-o a um proletário internacional, que supostamente só tinha suas correntes a perder e um mundo a ganhar. Ele

tirou a alma do trabalho e prometeu ao proletário a destruição do capital internacional.

Assim, um judeu, que nada tanto evita quanto o trabalho honesto, quer levar os trabalhadores a uma vida mais bela. Um judeu quer liderar a luta contra o capital internacional, que está nas mãos dos judeus e é dirigido por judeus! O judeu contra o judeu! Aqui, no ponto decisivo, ele se mostra novamente como o grande mestre da mentira.

O próprio capitalismo internacional é apenas um dos meios judaicos para destruir as economias nacionais, agitar os povos para guerras, alcançar o poder. Os nomes das grandes casas bancárias internacionais, os nomes dos corretores da bolsa de valores e das grandes empresas industriais mostram seus portadores como membros do “povo escolhido”. A imprensa mundial capitalista judaica também elogia seus irmãos do outro lado, os escravocratas da URSS, como fundadores do Estado mais moderno do mundo.

Nova Frente para Judá!

Marx só organizou uma nova frente para Judá quando quis criar, a partir das massas de trabalhadores sem liderança, um núcleo de tropas que deveria pavimentar o caminho para o domínio dos judeus com força armada. No alvorecer da era das máquinas, ele prega o ódio de classe, ou seja, a automutilação de um povo, não para aliviar as necessidades dos trabalhadores, mas para apresentar o abismo como necessário e inalterável.

Isso se tornou duplamente fatídico para um povo, quando o abismo social existente foi agravado pela falta de uma camada de liderança forte e racialmente uniforme. Assim, os judeus exploraram habilmente a desunião no sangue do homem russo. O elemento desenfreado da Rússia e seus parasitas judeus foram o melhor solo para que a semente bolchevique pudesse brotar.

Capítulo Três

Líderes judeus e judeus na União Soviética

Mas quem forneceu o dinheiro para a revolução bolchevique na Rússia? Certamente apenas as pessoas cujos interesses foram atendidos nessa revolução!

O diabo Stalin

Após a morte de Lenin, outro não judeu, mas em sua essência um judeu por opção, tornou-se o executor dos planos judeus: o terrorista e criminoso Stalin.

Em resumo, seu passado é o seguinte: 1905, assalto a um transporte de dinheiro em Tiflis. Resultado: 700.000 rublos, 34 mortos. Chefe dos bolcheviques do Cáucaso, atividade ilegal de propaganda. De 1908 a 1917, ele é banido para a Sibéria seis vezes, mas consegue fugir todas as vezes. Ele possui uma sede ilimitada por poder e vive fora do casamento com a filha do judeu Kaganowitsch. Ele finalmente destrói o campesinato russo por meio de sua coletivização forçada. Por meio de perseguição e assassinato, ele elimina todos os seus oponentes e sabe como permanecer no poder até o presente. Seus discursos são escritos pelo judeu Kaganowitsch.

Quando está preocupado consigo mesmo, o sangue de outros deve ser derramado. Uma onda de assassinatos segue a outra. Sua sede por assassinatos leva a um medo ilimitado por sua própria vida. Ele se mantém protegido por vários agentes da GPU, uma ascensão consequente de salteador de estradas a chefe do estado soviético judeu-bolchevique.

E novamente — judeus!

A mão direita de Stalin é o já mencionado judeu de sangue puro Kaganowitsch. Ele é a força motriz por trás da colocação de judeus em cargos importantes. Ele trouxe quatro de seus irmãos para os mais altos cargos do Estado. Ele domina o extermínio implacável de todos aqueles que acreditam que os russos realmente pertencem às posições de liderança.

No entanto, ele nomeou o russo Jeschow como chefe do departamento de pessoal do comitê central. E Jeschow fielmente colocou em prática a

política de pessoal judaica de seu chefe e mestre e colocou numerosos judeus em posições de liderança.

O instrumento de Stalin para permanecer no poder é a GPU. Ela provavelmente descartou seu nome original, “Tscheka”, porque se tornou muito infame no exterior. Fundada pelo sádico polonês Dscherschinski, que usa principalmente judeus como ajudantes e carrascos, os judeus Menschinski e Jagoda eram então seus chefes.

Mercadores da morte

Acima de todos os outros está o judeu americano Jakob Schiff, que reuniu todo um círculo de outros judeus como Warburg, Guggenheim, Loeb & Co., Kahn, Kuhn etc. no “estado-maior financeiro” dos bolcheviques.

Em 4 de abril de 1919, o “Jewish Chronicle”, órgão oficial dos judeus ingleses, afirmou que era digno de nota que tantos judeus também fossem bolcheviques. A razão seria que os ideais do bolchevismo eram idênticos a muitos dos mais elevados ideais do judaísmo.

O judeu Cohan resumiu isso em 12 de abril de 1919 na revista “77ze Communist”:

“Podemos dizer sem exagero que a grande revolução bolchevique só foi realizada com a ajuda dos judeus. Foram os judeus que conduziram o povo russo ao novo amanhecer da internacional. Foram eles que não apenas administraram os assuntos dos soviéticos e ainda hoje os administram, mas essa liderança certamente estará em suas mãos também no futuro. A estrela vermelha de cinco pontas, outrora símbolo do judaísmo e do sionismo, é hoje o símbolo do bolchevismo, o símbolo que promete vitória.”

Os judeus realmente conquistaram uma grande vitória para si mesmos na Rússia em 1917. O grande destruidor Lenin, que permitiu que sua parte de sangue tártaro se manifestasse plenamente, já estava cercado por judeus.

O “estrategista” Trotsky

Seu conselheiro mais próximo era o judeu Bronstein-Trotsky, que mais tarde foi derrubado. Esse judeu tornou-se infame quando mandou massacrar todos aqueles que não se curvavam à sua ditadura militar. Ele se considerava um grande estrategista e atribuía a si mesmo a supressão da contrarrevolução liderada por generais leais ao czar. Mas ele não fez os planos para a luta nem venceu nenhuma batalha com sua bravura pessoal. Ele ficou, como os judeus costumam fazer, atrás da linha de frente, fez os oficiais russos lutarem, depois os colocou contra a parede e assim desejou colher glória barata.

Assassinato em massa organizado

Jagoda teve a ideia de usar os prisioneiros da GPU para a construção do Estado. Quando Leningrado deveria ser conectada ao Mar Ártico, centenas de milhares de trabalhadores foram utilizados. Jagoda forneceu esses trabalhadores. Prisões se seguiram a prisões e, em pouco tempo, 2,5 milhões de “criminosos políticos” trabalhavam na construção do canal. Durante os três anos de construção, centenas de milhares de pessoas inocentes morreram.

Jagoda transformou a GPU em um estado dentro do estado; mas um dia ele se tornou poderoso demais para Stalin e teve que seguir o caminho que tantas de suas vítimas inocentes haviam seguido.

Seu sucessor foi o já mencionado Jeschow, que prosseguiu com uma energia e paixão que seus antecessores invejariam. Foi ele quem realizou o grande expurgo no exército, do qual oficiais de todos os ramos foram vítimas.

Quer os sucessores de Jeschow na liderança da GPU se chamassem Beria ou qualquer outro nome, todos eles eram judeus ou criminosos subservientes aos judeus.

O judeu húngaro Bela Khun era um membro digno desses sub-humanos judeus. Ele é responsável pela atrocidade ocorrida na Hungria em 1919, financiou os crimes comunistas de Munique em 1919 e provou ser o infame carniceiro em massa na Crimeia para Stalin, que encontrou nele um ajudante útil para outros atos vergonhosos.

Assim como o instrumento de assassinato de Stalin, a GPU, era dominado por judeus, o mesmo ocorre em todas as outras esferas da vida pública no paraíso soviético. Quatorze judeus fazem parte do gabinete soviético. Molotow é casado com uma judia, cujas conexões familiares chegam às altas finanças de Nova York. Litwinow-Finkelstein e Maiski são citados como exemplos de emissários judeus no exterior.

A economia de guerra do governo é totalmente dominada por judeus. O Comissariado do Povo para a Indústria de Armamentos, formado em fevereiro de 1939, é ocupado por hebreus em todas as 52 posições-chave. Na esfera do Comissariado do Povo para a Indústria Leve, 58 judeus são diretores de obras industriais, 56 chefes de departamento de fábricas, 32 engenheiros seniores e 18 presidentes de sindicatos.

Todos os funcionários responsáveis pelas finanças são judeus, e assim por diante em todos os ramos bancários da União Soviética.

Na imprensa soviética, eles sempre tiveram voz ativa. O chefe da agência de notícias “lass” é naturalmente um judeu, I. S. Chawison, e todos os outros cargos de liderança são ocupados de acordo. “Iswestija” e “Prawda”, os órgãos oficiais do governo soviético e do partido comunista, estão repletos de judeus. O mesmo ocorre no restante da imprensa soviética.

A ciência soviética está totalmente contaminada pelos judeus. Só em 1940, 699 judeus foram confirmados como professores universitários, 174 como colaboradores científicos e 202 como professores. A arte em todos os seus ramos está igualmente judaizada.

A “invenção” do bolchevismo

O judeu Mardochai-Marx concebeu o marxismo e o transformou em princípios vagos; os judeus colocaram suas construções sem sentido em

prática na União Soviética e chamaram isso de bolchevismo; os judeus transformaram a ditadura do proletariado na ditadura de Judá, sem a qual o sistema bolchevique não pode ser compreendido.

O fato de que, ocasionalmente, judeus também são vítimas dos julgamentos espetaculares em andamento tem sido interpretado incorretamente como um sinal de uma percepção crescente. Mas trata-se apenas de uma luta pelo poder dentro da própria camarilha judaica e dentro do aparato burocrático bolchevique.

A camarilha judaica em torno de Stalin domina com seus comparsas um povo de 180 milhões. Mas como fica o trabalhador russo, o camponês russo, para quem a revolução bolchevique prometeu um futuro radiante?

Capítulo Quatro

Industrialização!

Slogan: Conflagração mundial!

A revolução judaico-bolchevique foi vitoriosa. O país estava em uma condição inconcebível de desorganização. No Kremlin, Lenin aguardava a revolução mundial. Mas a esperança de revoltas instigadas no Ocidente permaneceu frustrada. Gradualmente, ficou claro para os governantes judeus que a dominação mundial só poderia ser alcançada por meio de uma nova conflagração mundial.

A Rússia é um estado agrícola. Embora já tivesse uma indústria metalúrgica em sua parte ocidental, concentrada em alguns pontos, ela desempenhava um papel insignificante em comparação com a agricultura. Isso deveria mudar. As indústrias das grandes potências econômicas do Ocidente deveriam ser alcançadas e superadas. No centro do planejamento estava a indústria pesada. Acima de tudo, ela deveria armar o Exército Vermelho para a guerra da revolução mundial que se aproximava. Toda a economia da União Soviética servia apenas a esse único objetivo.

Planos Quinquenais

Começou uma industrialização apressada. Foram estabelecidos planos quinquenais com metas de produção. Surgiram gigantes industriais. Números recordes foram proclamados nas estatísticas para o mundo espantado.

E qual era a realidade?

“Estamos todos aqui sentados juntos e, em vez de lidar com as condições reais realmente tristes da nossa economia ou tomar medidas para a sua melhoria, ocupamo-nos em mentir uns aos outros. A parte mais vergonhosa é que todos sabemos que todos mentem, que todos nós sabemos que mentimos uns para os outros.”

(Albrecht, The Betrayed Socialism, página 189, doravante citado como Albrecht...)

Esta declaração não vem de um jornalista, mas sim de um Comissário do Povo para a Agricultura, que, como membro da comissão de controle, relata objetivamente as condições.

Nos anos de 1928/1929, aqueles homens violentos que chegaram ao poder nas províncias durante a guerra revolucionária ganharam cada vez mais influência. Como mercenários judeus, eles não tinham nenhum conhecimento especializado e não reconheciam nenhuma responsabilidade pessoal. Gradualmente, eles chegaram às posições centrais do partido comunista. Eles eram os defensores de todos os planos gigantescos. Qualquer resistência contra esses incompetentes era declarada sabotagem.

Começaram a surgir enormes expansões de planos. Em uma confusão arbitrária, obras industriais da maior magnitude foram empreendidas, mesmo antes que a existência de uma base suficiente de matérias-primas fosse comprovada.

Grandes quantidades de material de construção foram desperdiçadas inutilmente, porque essas fábricas não puderam ser concluídas, uma vez que as supostas fontes locais de matérias-primas nunca existiram.

Ou gigantescas usinas de energia foram construídas em regiões inacessíveis e distantes, cuja produção de energia não pôde ser utilizada por anos. Muitas vezes, o trabalho sistemático era inconcebível, porque simplesmente faltavam trabalhadores qualificados. Máquinas complicadas foram compradas em todos os países do mundo; quando chegaram, foram imediatamente destruídas por mão de obra não treinada.

“Edifícios industriais pela metade, inúmeros cemitérios de máquinas, enormes montanhas de produtos rejeitados, inúmeras reclamações da população sobre produtos industriais de baixa qualidade... Esse é o resultado final, esse caos econômico.” (Albrecht, página 198)

Essa economia planejada burocrática, juntamente com as fantasias bolcheviques sobre o futuro, produziu uma manipulação enganosa dos efeitos. Os números das obras eram “números hipotéticos”. As deficiências de hoje deveriam ser superadas pelas possibilidades de amanhã. Os números de produção realmente alcançados também não dizem nada, pois todos os produtos rejeitados estão incluídos nos números. Mesmo em 1940, a produção rejeitada para as fábricas de máquinas foi estimada em mais de dois bilhões de rublos.

Não é de se admirar, pois o slogan que sufocava qualquer responsabilidade era: o Estado assume o risco econômico. Tudo pertence ao Estado, tudo é pago pelo Estado. Nada é minha propriedade, nunca me envolvo em atividades econômicas independentes. A compulsão por cumprir o plano levou o diretor da fábrica a produzir aleatoriamente. Se os produtos eram vendidos ou podiam ser usados, não lhe interessava.

Também típico do sistema soviético é a adoração cega pela tecnologia. Só o que é grande e maciço, do qual se pode se gabar, é importante.

E, no entanto, é preciso ver esse caos incurável como, em parte, uma manifestação de transição e, em parte, como típico das indústrias que não trabalham principalmente para o armamento. Os ricos recursos naturais, as possibilidades inimagináveis oferecidas pelo enorme espaço subdesenvolvido e o chicote escravizador dos supervisores judeus permitiram, apesar de tudo, uma indústria de armamento que produz quantidades enormes de armas de

todos os tipos. Os milhões de mortos e a existência faminta da população não contavam.

Toda a URSS

“não passa de uma enorme fábrica de armas à custa do padrão de vida do povo. Uma fábrica de armas contra a Europa.”

(Adolf Hitler em seu grande discurso de 3 de outubro de 1941)

Deficiências por toda parte

Uma das maiores deficiências da economia soviética era a total falta de supervisores residentes diligentes que se preocupassem com tudo. O bolchevismo fez de tudo para criar uma massa sem raízes e sem vínculos. Cultivou-se intencionalmente uma atmosfera de desconfiança e suspeita, que dominava tudo. Em tal clima, porém, a diligência e o entusiasmo não prosperam.

Finalmente, os países estrangeiros deveriam ajudar. Especialistas vieram. Durante vários anos, empresas estrangeiras obtiveram permissão para construir fábricas. Mas logo se descobriu que os especialistas estrangeiros fracassavam assim que eram forçados a se manter como indivíduos contra a atividade em massa.

“O ritmo uniforme da massa humana nas operações soviéticas simplesmente não permite que o indivíduo nade contra a corrente.” (Albrecht, página 220)

Os grandes sacrifícios que o bolchevismo exigia dos trabalhadores nunca puderam surtir efeito completo, porque o esgotamento desse sistema econômico devora novamente grande parte da produção do trabalho. Por exemplo, há anos a imprensa soviética reclama da sobrecarga comprovada dos trilhos. Essa sobrecarga é causada, em grande parte, pelos chamados transportes cruzados. Ou seja, porque as mesmas mercadorias que são

transportadas do distrito A para o distrito B são, ao mesmo tempo, transportadas do distrito B para o distrito A. De acordo com os cálculos dos especialistas, cerca de 50% dos transportes nas ferrovias soviéticas poderiam ser completamente dispensados. Isso inclui, por exemplo, o transporte de carvão por mais de 1.000 a 4.000 quilômetros, durante o qual se queima mais carvão do que se transporta.

A economia bolchevique é uma economia sem responsabilidade para com o povo, sem forças realmente criativas. A atribuição do funcionário substitui a responsabilidade do empresário. Uma quantidade infinita de trabalho é desperdiçada nesta economia.

Mas, apesar da má gestão inconcebível, apesar de todas as montanhas de rejeitados, apesar das muitas fachadas sem sentido, duas décadas de exploração dos ricos recursos naturais e da exploração dos vastos recursos humanos criaram uma indústria de armamentos que produziu muitos milhares de aviões, dezenas de milhares de tanques e armas, que enchem os arsenais com armas de todos os tipos, desde granadas de gás até balas dum-dum.

Capítulo Cinco

O trabalhador na União Soviética

A União Soviética industrializou-se a um ritmo alucinante nos últimos 10 a 15 anos. Mas esse ritmo foi alcançado à custa do sofrimento, das lágrimas e da morte de milhões de pessoas.

Slogan do Estado social

O trabalhador deve criar simultaneamente para si mesmo e, além disso, para toda a população de sua “pátria proletária” uma vida alegre e feliz.

Supostamente, o trabalhador soviético não conhece necessidades, nem exploração; pois tudo o que ele produz é produzido “voluntariamente”. Ele é supostamente o beneficiário de toda a sua produção. O lucro que, em terras capitalistas, vai para os bolsos dos empresários não existe na União Soviética, dizem. Supostamente, ele foi dissolvido em salários mais altos e mais justos e em um sistema de bem-estar social sem igual em qualquer outro lugar do mundo.

Essa é a fraseologia das táticas de camuflagem bolcheviques.

O despertar após a primeira embriaguez da liberdade foi terrível. Até mesmo Lenin teve que admitir que “a ditadura do proletariado trouxe miséria e privação à classe dominante como nunca se viu na história. A fome persegue as pessoas, para onde quer que elas fujam. Nunca a classe trabalhadora sofreu tanto como nos primeiros anos de sua ditadura.” (Lenin. Obras completas, volume 18, página 128) Mas essas constatações não melhoraram a situação do trabalhador, que no estado de compulsão de Moscou deveria cumprir os planos da camarilha judaica no Kremlin sob dolorosas privações.

Engano judaico

A propaganda judaica compreendeu magistralmente como enganar a massa de trabalhadores. Ela despertou a ideia de que apenas um esforço temporário com renúncia aos desejos pessoais era necessário para superar todas as necessidades. Ela criou uma barreira ao redor da União Soviética que o trabalhador não podia escalar. Eles foram enganados e disseram-lhes que o trabalhador fora da União Soviética estava em situação muito pior, que ele esperava pela libertação através do bolchevismo. O ódio foi instilado contra o mundo estrangeiro supostamente anti-trabalhista e, a partir desse ódio e da esperança por dias melhores, o trabalhador foi incitado a um esforço cada vez maior.

Não era ele o senhor, como proclamava a chamada constituição, mas sim os judeus que ditavam suas condições de trabalho.

Sistema “Stachanow”

Anteriormente, o trabalho recorde era retratado como uma invenção infernal dos capitalistas, criada apenas para explorar o trabalhador. Depois que o bolchevismo consolidou seu poder por meio de um sistema brutal de terror, ele desconsiderou os interesses dos trabalhadores e explorou impiedosamente a força de trabalho. Um desses meios de incentivo era o sistema Stachanow.

Em agosto de 1935, o até então totalmente desconhecido mineiro Stachanow, que possuía uma força física extraordinária, foi levado para uma mina de carvão na base de Donez, após uma preparação minuciosa com drogas. Stachanow, sem realizar nenhum trabalho paralelo, alcançou um recorde nunca antes registrado. Em vez de uma produção média de sete toneladas de carvão, nesse dia recorde ele teria alcançado uma produção recorde de 109 toneladas. Mais tarde, ele entrou em colapso físico.

Imediatamente, o aparato de propaganda soviético entrou em ação, elogiou essa conquista recorde como um evento muito decisivo e exigiu que ela se tornasse a base do trabalho na mineração. Os salários foram reduzidos e a cota de trabalho aumentou consideravelmente. Os trabalhadores também logo reconheceram o engano e, em vez do aumento esperado da produtividade, os números planejados nem chegaram perto de serem atingidos. A mesma crueldade se manifesta em termos de proteção no trabalho. Provavelmente nenhum trabalhador no mundo precisa trabalhar sem nenhum recurso de segurança nas máquinas ou nas minas como o trabalhador na União Soviética. Portanto, os acidentes são frequentes. Um mineiro francês descreve as condições em uma mina da seguinte forma:

“Durante nossa visita, admitimos abertamente, ficamos com medo. Os tetos dos poços são porosos e rachados. A madeira está em péssimas condições. Em nossa opinião, o perigo era tão grande que não ousamos ir ao local da demolição. Posso garantir que, na França, nenhum mineiro trabalharia nessas condições.”

(De Cleber Legay, “Um mineiro de carvão francês com os russos”)

Os métodos de exploração mais cruéis

Originalmente, gabava-se ao mundo que a jornada de trabalho de sete horas era uma das maiores conquistas da ditadura bolchevique. Mas os judeus controlam ainda mais a situação aqui. O trabalhador deve trabalhar de 10 a 14 horas por dia sem receber salários mais altos pelas horas extras.

Trabalho forçado

O trabalhador soviético está totalmente sujeito à lei do trabalho forçado. Se ele perder seu emprego pela menor infração, não receberá mais cartões de alimentação e deverá deixar sua residência. Os “famosos” asilos para os sem-teto, simples cabanas de madeira, são então seu refúgio.

De fato, uma pequena porcentagem ganha algo decente sob o Sistema Stachanow, mas o número desses trabalhadores é extremamente pequeno em comparação com a grande massa. De acordo com os próprios números de Stalin, o salário mensal do trabalhador no ano de 1938 era em média de 287 rublos, o que, na melhor das hipóteses, corresponde ao poder de compra de um salário alemão de 60 a 70 Reichsmark. Mas mesmo em tempos de paz, a disponibilidade de mercadorias era tão pequena que mesmo esse pequeno poder de compra não podia ser usado.

Um par de sapatos = 200 rublos

Stalin certamente não subestimava o salário mensal. No entanto, quando um par de sapatos de couro custa cerca de 200 rublos e um terno de qualidade inferior custa de 400 a 600 rublos, o trabalhador médio é eliminado como comprador desses produtos. Ele deve suprir suas necessidades nas lojas do governo, que só fornecem os produtos básicos de primeira necessidade com cartões de racionamento e a preços altos, e esses produtos são, em sua maioria, da pior qualidade.

Mas o trabalhador tem os sindicatos como representantes de seus interesses; no entanto

“esses sindicatos não estão em posição e não consideram sua tarefa aliviar de alguma forma o trabalho difícil e as condições de vida árduas de

seus membros. Eles são totalmente indiferentes ao bem-estar e aos problemas do trabalhador. ” (Albrecht, página 69)

Informantes

Os governantes bolcheviques os utilizam para cumprir as tarefas de produção das fábricas. Como todos os cargos nos sindicatos são ocupados por pessoas confiáveis, que acima de tudo também são vigiadas de perto pela GPU, ninguém precisa se preocupar que o verdadeiro estado de espírito dos trabalhadores chegue ao público através dos sindicatos. Um membro do sindicato, no entanto, tem um direito. Nas reuniões, ele pode denunciar sem fundamento pessoas que de alguma forma se tornaram impopulares. Não é de se admirar que, nessas condições, ninguém deseje uma posição de liderança na fábrica, quando na verdade se instalou uma fuga total das posições de liderança e responsabilidade, já que qualquer superior está perdido após tal denúncia, se não tiver amigos poderosos.

Informantes em toda parte

A GPU também trabalha em estreita colaboração com esses sindicatos. Um arquivo preciso é mantido sobre cada membro do sindicato. Se alguém tem um motivo para manter silêncio sobre algo em seu passado, talvez porque anteriormente era empresário, padre ou oficial, isso acaba vindo à tona em alguma ocasião e é anotado no arquivo. Durante as grandes purgas da economia, que são realizadas repetidamente em determinados intervalos, é então fácil enviar essas pessoas como inimigos do Estado para os campos de trabalhos forçados da GPU.

Os sindicatos soviéticos são, portanto, órgãos auxiliares da GPU. Em todas as terras do mundo, o bolchevismo promove a greve, a ocupação de fábricas e a terrorização daqueles que estão dispostos a trabalhar como armas da luta de classes do proletariado. Apenas

“o uso de tais meios de luta dentro do território soviético nunca pode ser considerado. ” (Albrecht, página 79)

Nenhuma das promessas dos governantes judeus se concretizou. A vida feliz é levada pelo burocrata, o judeu, às custas do trabalhador. O trabalhador soviético é o mais mal remunerado de todos os trabalhadores do mundo e deve viver nas condições mais miseráveis. Ele se tornou, como o camponês, escravo da comunidade judaica internacional, que o colocou a reboque da revolução mundial judaica.

Capítulo Seis

O Caminho do Camponês Russo

Todas as riquezas deste império mundial pertencem ao povo, sobretudo a terra, tudo o que ela produz ou contém, bem como todos os frutos do trabalho: é isso que está escrito na constituição do Estado soviético.

A realidade, porém, parece um pouco diferente. Com seu slogan enganoso “Toda a terra para o camponês”, Lenin havia, em 1917, inflamado revoltas camponesas por todo o interior.

O camponês na Rússia, em sua grande maioria, sempre fora um pobre coitado sedento por terra. Agora ele se apoderava dela. Terras do governo e propriedades rurais foram tomadas e divididas.

Camponeses violados

Os bens “normais” dos camponeses deveriam ser poupados da socialização. Mas o que eram “bens normais dos camponeses”? Uma pessoa considerava que 20 “morgen” [12 a 18 acres] de terra fértil já constituíam uma grande propriedade, mas outra pessoa não. Lenin usou essa ambiguidade para atingir seu objetivo: promover a confusão entre os camponeses. De repente, de acordo com o tamanho da propriedade, na aldeia foi feita uma distinção entre pequenos arrendatários e agricultores anões, servos sem terra e “kulaks” [kulak = antigos grandes agricultores destruídos pela coletivização], o que deixou um amplo campo aberto para a arbitrariedade.

O ódio e a inveja se espalharam entre os camponeses. Os preguiçosos olhavam com inveja para os capazes. Cada um pegava o que podia. Chegou-se a lutas sangrentas.

Assim, a ordem no campo foi destruída para ganhar controle sobre os camponeses, pois Lenin não tinha a intenção de criar um pequeno agricultor forte. Pelo contrário, ele via “no domínio da pequena economia camponesa o maior perigo para o ideal comunista que se aproximava”. Seu slogan “Toda a terra para os camponeses” tinha como único objetivo manter os camponeses quietos durante a luta contra os exércitos brancos.

O que teria acontecido com a revolução bolchevique na Rússia se um campesinato forte e livre tivesse se levantado contra o bolchevismo e seus ajudantes judeus?

Portanto, a luta do judeu, que sempre foi, em essência, um oponente de qualquer ser estabelecido, buscava a destruição do campesinato.

Ao lado de Lenin, Trotsky era um inimigo ferrenho dos camponeses. Ele sabia que a segurança do abastecimento de seus exércitos da revolução mundial posterior estaria nas mãos dos camponeses, assim como havia sido o caso das tropas da guerra civil. Durante a guerra civil, os camponeses esconderam seus cavalos, gado e suprimentos de grãos em florestas inacessíveis. Além disso, muitos campos foram deixados sem cultivo. A terra começou a sentir fome.

A “libertação dos camponeses” de Trotsky

Em 1918, Trotsky lançou seus bandos armados contra a aldeia. Eles deveriam obter grãos e “garantir para a cidade” carne e outros alimentos. Esses métodos foram um sucesso total. Queimando e assassinando, os bandos de escória varreram a terra e roubaram até mesmo o último pedaço de pão do camponês mais pobre.

E este é o relato de um camponês russo sobre essa coleta forçada:

“Mas então, lembro-me claramente daquela manhã de julho, quando a praga bolchevique chegou de repente e com ela vários assassinos. Eles

invadiram nossa aldeia. Alguns bolcheviques, ex-presidiários, imediatamente formaram um conselho da aldeia e, com a ajuda de canalhas judeus, em pouco tempo limparam as fazendas e os estábulos. Não nos restou nada, nem um cavalo, nem um boi, nem um porco e nem uma única galinha; eles roubaram tudo, até nossas camas e nossos poucos pertences. Três homens grandes e fortes, que resistiram aos soviéticos durante a pilhagem de suas fazendas, foram assassinados de maneira bestial. “Vamos vender seus bens no interesse do Estado, vocês receberão o dinheiro por isso mais tarde!”, gritaram para nós zombeteiramente. Nunca recebemos um rublo pelos nossos bens arduamente ganhos. A única coisa que nos deixaram foi um pouco de grãos que puderam permanecer em nossos campos. Quando a noite caía, dormíamos como mendigos sob um telhado que também não nos pertencia mais. O vereador da vila permaneceu apenas alguns dias. Quando a última vaca, o último cavalo e a última carroça, carregada com móveis e roupas, deixaram nossa vila, ele também desapareceu.

Fome! Fome!

Sob essa angústia, o camponês recorreu ao único meio que ainda lhe restava: cultivava apenas o necessário para sua própria sobrevivência. A produção agrícola caiu e, finalmente, a fome reinou tanto no campo quanto na cidade. Entre 1920 e 1922, pelo menos cinco milhões de pessoas morreram de fome (segundo dados soviéticos). Mas o judeu não precisava apenas do grão para se alimentar, ele queria armar-se e armar ainda mais, e assim o grão deveria trazer moeda.

Então, o regime soviético decidiu por uma medida que era diametralmente oposta a um dos ensinamentos bolcheviques, bem como à política anterior. Em 1921, introduziu a NEP, a “Nova Política Econômica”. Agora, Lenin queria “satisfazer os desejos dos camponeses a qualquer preço”. Foi introduzido um imposto sobre bens naturais. O que restava ao camponês após pagar esse imposto, ele podia vender livremente, e a produção de grãos voltou a aumentar imediatamente.

“Durante quatro anos, nos deixaram em paz ”, diz um camponês aos nossos soldados alemães sobre esse período, “nesse período, recomeçamos do

zero e não nos deixamos abater. Gradualmente, a prosperidade voltou à nossa aldeia. Voltamos a ter cavalos, galinhas, cozinheiros e voltamos a ter móveis, mesmo que primitivos, o que tornou nossas fazendas habitáveis. As mulheres voltaram a rir e nós, meninos, estávamos novamente prontos para nos divertir. ”

Stalin

Quando Stalin chegou ao poder em 1924, ele viu claramente o perigo que um campesinato forte representava para o Estado judeu. Ele costuma se gabar de ser asiático e, por isso, reiniciou a luta dos nômades contra os colonos.

Além disso, Stalin percebeu que uma revolução mundial só poderia ser alcançada por meio de uma nova guerra mundial. Portanto, era necessário desenvolver a indústria para produzir as armas.

A quem caberia o custo dessa industrialização, se não aos camponeses? De onde viria a força de trabalho, se não da terra?

Portanto, “eliminação” dos camponeses!

O “grande coletivo” rural deveria substituir a “economia camponesa atrasada e de pequena escala”. O comércio livre limitado permitido pela NEP foi novamente abolido.

Após a expansão da infame GPU, a camarilha judaica em torno de Stalin se sentiu forte o suficiente para esmagar a resistência esperada contra essa campanha de aniquilação e realizar a “socialização” dos camponeses.

Camponês sem direitos

O camponês deveria primeiro perder seus direitos. Stalin fez isso por meio de uma reforma eleitoral. O operário industrial tinha cinco votos, o camponês, um. Assim, “a cidade, numericamente mais fraca, tinha os mesmos direitos que o campo”. Mas qualquer camponês que empregasse mais de dois estranhos como trabalhadores não era mais um camponês, e sim um

“explorador”, um kulak. Ele perdia o direito de votar. Stalin esmagou assim a influência política que o campesinato poderia ter conquistado. Pois, na opinião dos figurões soviéticos, os camponeses são

“os inimigos de classe mais perigosos. Não faz mal se algumas dezenas de milhões de camponeses forem exterminados. Antes que o camponês, nosso inimigo mortal, nos devore, devemos acabar com ele para sempre. A coletivização é o nosso meio de subjugar o camponês. Não descansaremos até que o último camponês seja colocado em nossas cooperativas ou neutralizado para sempre.” (Albrecht, página 248)

O caminho para a cooperativa era o caminho do camponês para a escravidão!

O ideal: trabalhador agrícola sem terra

Os trabalhadores agrícolas sem terra eram certamente fáceis de trazer para o coletivo. Eles vinham com a perspectiva de uma vida despreocupada e sem a menor chance de perder nada. Mas o camponês capaz — e ele havia entregue os excedentes nos anos anteriores — não foi para lá. Eles novamente deixaram seus campos sem cultivo e, novamente, desde 1929, a fome chegou à terra. Stalin então recorreu aos meios mais severos, “a eliminação dos kulaks como classe”. Ele viu a única saída no extermínio dos kulaks. Em 1930, ele enviou tropas de assalto do partido ao campo, e o número de propriedades estatais aumentou. Um camponês descreve este serviço das tropas de assalto:

Extermínio em massa

“Os canalhas e funcionários judeus saquearam nossas fazendas novamente e não nos deixaram nem um prego. Mais tarde, fomos reunidos na praça da vila. Um judeu apresentou uma lista de todos que haviam frequentado uma escola superior ou estado no exterior. Horas depois, tiros revelaram o que havia sido feito com os inocentes. Os soviéticos suspeitavam de qualquer pessoa que possuísse alguma inteligência. Após dias de viagem famintos, fomos reassentados a cerca de 100 quilômetros de nossa aldeia. A

área que deveríamos cultivar era um verdadeiro deserto. As residências que nos deram eram miseráveis cavernas de barro. No início, não havia nada, nem mesmo uma tábua, nessas cavernas miseráveis. O buraco, no qual viviam 11 pessoas, tinha cinco metros de comprimento por quatro metros de largura. Foi assim que nos tornamos camponeses coletivos."

Sofrendo com a fome e o frio, essas pessoas, que haviam sido degradadas à escravidão, tornaram a terra fértil.

Mesmo onde o coletivo foi estabelecido em terras que antes eram cultivadas por camponeses, a situação destes não melhorou. Eles não tinham mais direito à colheita do que a terra produzia. Além de um pequeno terreno de poucos metros quadrados, eles se tornaram totalmente dependentes do Estado, que os tratava como bem entendia e, acima de tudo, sempre apertava o cinto da fome quando achava apropriado.

Pelo seu trabalho, os camponeses eram pagos por dias de trabalho, sendo que um dia de trabalho não é o mesmo que um dia de trabalho, porque há dias de trabalho que não se qualificam para serem considerados um dia de trabalho. Assim, o camponês tem apenas cerca de 195 dias de trabalho por ano. Em Slupzer Rayon, ele é pago por 300 gramas de grãos por dia de trabalho, o que equivale a 120 quilos por ano. Além disso, o camponês também recebe pagamento em moeda, que, no entanto, é calculado de forma diferente com base no rendimento da colheita, província e região. Seu cálculo é feito centralmente. A fraude por parte dos chefes da organização é, portanto, generalizada. O camponês recebe entre 120 e 150 rublos, portanto, uma quantia que corresponde ao poder de compra de 12 a 15 Reichsmark. Isso em um ano inteiro!

Dupla fraude

Mas o que o governo também faz? Ele paga ao camponês coletivo pelos grãos que lhe retira 1,1 rublo por cem quilos. O mesmo governo, no entanto, vende o pão assado ao mesmo camponês por 0,90 a 1,20 rublo por quilo.

Aqui fica evidente a dupla fraude perpetrada contra o camponês: na prática, o bolchevique oficial tira de 120 milhões de camponeses no campo o

fruto de seu trabalho sem pagamento, vende o pão de volta ao camponês a um preço tremendamente inflacionado e o lucro vai para a grande conta da revolução mundial.

Mas esse é apenas um dos caminhos pelos quais o camponês é levado à miséria. Uma grande porcentagem dos camponeses foi simplesmente declarada kulaks e enviada para gigantescos campos de trabalho nas regiões subdesenvolvidas da União Soviética. De uma aldeia ao sul de Smolensk, 68 dos 200 camponeses foram deportados como kulaks; de outra, 54 dos 112 camponeses.

“Deportações”

A dimensão dessas deportações é revelada por uma disputa que eclodiu em 1930 entre as autoridades locais e a administração central do sistema de transporte.

As autoridades locais acusaram a liderança do transporte de sabotagem, porque não receberam trens suficientes para a deportação dos kulaks. A administração central apontou que 18.000 vagões ferroviários haviam sido solicitados somente no ano de 1930, mas que nada dessa magnitude havia sido previsto no plano, e que eles não podiam comprometer todo o seu material rodante e descumprir todos os seus horários de viagem!

Mas qual foi o sucesso da coletivização? Nas regiões mais férteis da União Soviética surgiu o espectro da fome. A colheita teve que ser garantida com a ajuda do Exército Vermelho. Qualquer camponês que mantivesse um punhado a mais de grãos do que o permitido era fuzilado.

Como os tratores e as máquinas agrícolas ajudam, quando não havia trabalhadores treinados suficientes nem as peças de reposição necessárias podiam ser obtidas? E mesmo que houvesse arados, sementes, tratores e trabalhadores treinados suficientes, ainda haveria a resistência passiva dos camponeses despossuídos.

Repetidamente, foi uma luta para garantir a colheita — essa luta foi “travada como uma ofensiva militar” em 1934. O povo passava fome e roubava, roubava para preservar a vida.

A catástrofe da fome de 1932/1933

Cerca de seis milhões de pessoas foram vítimas da grande fome no inverno de 1932/1933.

Nesse mesmo inverno, a União Soviética exportou quase dois milhões de toneladas de grãos! Os judeus exportaram, mesmo que isso significasse que ainda mais camponeses teriam que passar fome.

Os grãos trouxeram moeda, a moeda trouxe máquinas e certas matérias-primas para a indústria pesada, a indústria pesada forneceu armas para a futura União Soviética global.

“Vamos supor”, disse o representante dos comunistas americanos, Sklar, “que outros seis milhões de pessoas tivessem morrido de fome, o que isso significaria? É apenas o preço do comunismo!”

Matéria-prima ou revolução mundial

Para o judeu, os camponeses são a matéria-prima da revolução mundial, nada mais. Como eles, como camponeses, eram um perigo para o judeu, ele exterminou milhões deles. Qualquer sentimento camponês foi destruído naqueles que permaneceram. Assim, o judeu moldou o modelo vazio do homem de massa soviético, que não sabe nada sobre si mesmo, não tem alegria de criar, não tem responsabilidade.

Com o extermínio da liderança e da inteligência, o judeu criou o “homem” de massa, o tipo de homem soviético.

Capítulo Sete

A Família Soviética

Destruição da Família

Os trabalhadores e camponeses foram espremidos como componentes vazios nas engrenagens da máquina estatal soviética. O ódio judaico contra tudo que cresce organicamente também destrói a célula de qualquer estado saudável, a família. A aversão dos judeus a todas as emoções que elevam espiritualmente o homem e o ligam interiormente deve, por natureza, minar a vida familiar, se o Estado bolchevique quiser sobreviver. Os judeus perceberam isso claramente. “A revolução é impotente enquanto existir o conceito de família e laços familiares.”

Portanto, ver no casamento um vínculo de natureza espiritual ou moral era combatido ferozmente como um preconceito burguês ou capitalista.

Liberando a mulher

De acordo com a constituição de Stalin de 1936, a mulher recebeu os mesmos direitos que o homem em todas as esferas da vida. Ela deveria ajudar a realizar a revolução proletária. Isso significa nada mais do que a mulher foi rendida, desestabilizada e adaptada à máquina. Sua própria consciência dos valores mortais foi lentamente morta.

O grande aliado dos bolcheviques era a necessidade econômica, o pequeno salário do trabalhador. Apenas para sobreviver, a mulher tinha que ir para a fábrica e, como tinha os mesmos direitos que o homem, também podia realizar trabalhos pesados masculinos.

“Se você for a uma fábrica ou a uma fábrica de tratores, vá a um salão onde as peças de máquinas são processadas em altos-fornos, e quem você vê lá? Trabalhadores robustos? — Não! — Mulheres! Mulheres, vestidas com roupas leves, com braços e pernas nus, estão trabalhando nos altos-fornos. E se você expressar seu espanto a elas, então uma delas lhe dirá que essa é a grande conquista da mulher, que ela conquistou o direito de realizar trabalhos masculinos”.

(Viktor Boret, “Leparadis infernal”)

E como é o lar da mulher após um trabalho exaustivo? Milhões de camponeses despossuídos foram enviados para as cidades a fim de compensar a falta de trabalhadores industriais. As cidades não estavam preparadas para

esse influxo. O governo soviético não pensou em cuidar da moradia dessas pessoas. De fato, aqui e ali foram construídos alguns novos barracos, mas eles estão longe de ser suficientes. Nos novos centros industriais, barracos miseráveis são o lar dos trabalhadores soviéticos.

De acordo com dados soviéticos, em Moscou há apenas quatro metros quadrados de espaço habitável por residente. Em outras cidades, as condições são ainda menos favoráveis.

Condições de vida catastróficas

A enorme escassez de espaço habitável tem como consequência que muitas vezes várias famílias compartilham um cômodo maior. Frequentemente, três ou quatro famílias precisam viver e dormir em um único cômodo. Uma parede espanhola, uma linha de giz ou persianas separam os espaços individuais. Esse é o ambiente doméstico da família soviética. Além disso, devido às horas extras e às montagens nas fábricas, às filas intermináveis para obter os produtos mais simples, mesmo em tempos de paz, e às condições deficientes de transporte, o tempo de lazer dos trabalhadores e das mulheres é extremamente limitado, e assim a vida doméstica da família trabalhadora é totalmente prejudicada.

Vida sexual desenfreada

Com as suas chamadas leis matrimoniais e a lei da liberdade de aborto, os judeus deram um golpe fatal nas raízes da família. Homens e mulheres podem mudar de parceiro matrimonial sempre que quiserem. Espalhou-se uma promiscuidade sem precedentes. A devassidão tornou-se uma autodestruição frívola. O desejo tornou-se desenfreado para compensar tudo o que se tinha perdido precisamente através dessa liberdade. A lealdade da consciência, a responsabilidade e o dever tornaram-se conceitos capitalistas obsoletos.

Quando a taxa de natalidade caiu de forma alarmante, os governantes bolcheviques tentaram, através da modificação das leis (o aborto foi proibido

em 1936), garantir a descendência para fins militares e políticos. Mas a base do povo tinha sido destruída, a vida desarraigada. E era assim que se pretendia que fosse.

Miséria infantil

A dissolução da família, promovida durante décadas, fez com que o número de crianças abandonadas e vagabundas aumentasse de forma tão alarmante que se tornou um perigo para o país. Hoje, essas hordas são os soldados dos soviéticos. Mas mesmo a introdução da pena de morte para crianças com mais de 12 anos não ajudou muito contra isso. Mas como um Estado pode retomar a educação das crianças, quando ele próprio as usa indevidamente como informantes contra os pais? Triunfante, Bucharin declarou:

“As crianças se esforçam, com suas mãozinhas fracas, para minar a família, o refúgio mais conservador de todas as perversões da velha ordem de vida. Elas fogem dos pais, os espionam e denunciam, e os forçam a se filiar ao partido comunista. Que engenhosidade e dom de persuasão esses jovens seres devem reunir para conseguir tudo isso. ”

Assim, as almas das crianças são envenenadas. Seja na escola, que tem a tarefa precisa de minar a influência dos pais, ou em qualquer outro lugar da vida pública, tudo visa a isso:

“educar as crianças para serem funcionários sociais, que levem adiante a causa de Lenin-Stalin e que alcancem a vitória do comunismo em todo o mundo. ”

(Viúva de Lenin, 1938)

A mulher, ao lado da juventude abandonada e do camponês despossuído, tornou-se a vítima lamentável do regime bolchevique. Ela vive — sem deveres para com a família — aparentemente livre. O campo de energia natural de sua vida foi paralisado. Ela já há muito tempo perdeu o sentimento de alegria.

A mulher armada no exército bolchevique é o resultado final desse desenvolvimento: deformação e vegetação, o estado incurável de estar entregue aos poderes da destruição e da aniquilação.

Capítulo Oito

Terror e Trabalho Forçado

Terror

A característica dominante do bolchevismo judeu é o terror.

Lenin estava plenamente consciente de que o sistema criminoso do bolchevismo só poderia manter o poder se aniquilasse seus oponentes com os meios do terror mais brutal. Ele exigiu uma instituição bolchevique cuja única tarefa fosse atacar mortalmente o inimigo de classe em qualquer lugar e a qualquer momento, para “morder-lhe mortalmente”. “Certamente vocês não acham que podemos sair vitoriosos sem o terror mais horrível?”, assim Lenin incitou a multidão enfurecida ao assassinato.

No período da guerra civil de 1917 a 1922, tudo foi aniquilado — os bolcheviques dizem “liquidado” — que se erguia acima da escória do povo. Pois, novamente segundo Lenin, a moral comunista reside em “assassinar e aniquilar” todos os oponentes.

O número de assassinados não é o fator decisivo. Não é possível nem mesmo fazer uma estimativa aproximada.

O que é decisivo, porém, é que o terror não cessou nem por um dia enquanto a camarilha judaico-bolchevique no Kremlin esteve no poder; o que é decisivo é que os sub-humanos judeus, mesmo no século XX, puderam cometer esses crimes monstruosos. O decisivo, finalmente, é que um pequeno grupo de governantes sem escrúpulos pudesse massacrar a camada dirigente de todo um povo para moldá-lo em uma massa sem vontade, animalesca, agitada e uniforme, que deveria, além da Europa, conquistar o mundo inteiro para os judeus.

Quando o primeiro plano quinquenal foi introduzido em 1928, uma enorme onda de terror voltou a assolar o país. Desta vez, os camponeses foram submetidos à fúria especial da sede judaica por assassinato. “A bala”, diz Jagoda, chefe da GPU, “é o melhor meio de luta contra o inimigo de classe”. Qualquer camponês que possuísse uma propriedade de tamanho médio ou mesmo grande era liquidado, ou seja, fuzilado, sem qualquer investigação.

“Cavalaria Leve”

O judeu Steingart teve o privilégio de conceber uma baixeza especial na organização da “cavalaria leve”. Ele formou grupos de crianças camponesas, que, como jovens “pioneiros do socialismo”, são empregadas na agricultura. Elas têm a tarefa de vigiar e espionar os camponeses. Qualquer roubo no campo, qualquer retenção de suprimentos e qualquer comentário anticoletivo deve ser relatado por essas crianças à GPU. As crianças são recompensadas pela denúncia. Sim, Steingart até realiza competições entre as brigadas infantis pelo maior número de denúncias.

“Iswestijd”, o órgão do governo, foi o primeiro jornal a publicar fotos de jovens que denunciaram seus pais por roubo de propriedade coletiva e os entregaram aos carrascos judeus.

O trabalhador está sujeito ao mesmo terror, se não se permitir ser usado como um objeto de exploração sem vontade própria.

As infames masmorras de assassinato da GPU, as torturas mais horríveis e os trabalhos forçados são os meios dos bolcheviques para se manterem no poder.

Nenhum cidadão desta terra pode ter a sensação de não ser observado por outro, nem mesmo por uma hora do dia ou da noite. Esse medo constante de espiões e carrascos da GPU paralisa o povo e o torna incapaz de se revoltar. Assim, cada um se torna inimigo do outro. As denúncias mais vis promovem o informante, até que um dia o destino também o alcança.

Trabalho forçado

A maior escravidão, porém, ocorre nos campos de trabalho forçado da União Soviética. A construção de novos centros de armamento e a extração de novos depósitos de matérias-primas exigem uma utilização maciça de trabalhadores, que geralmente precisam ser reassentados nas áreas mais distantes e inóspitas da União Soviética. No Kremlin, eles resolvem essa enorme tarefa de forma muito simples e com a brutalidade de sempre. Transformam essas regiões em campos penais. Milhões de expulsos políticos e criminosos foram enviados para os campos. Suportando um frio de até 50 graus negativos, esses escravos do século XX têm que viver sua existência miserável em tendas.

Posto de aquisição de escravos

Em Moscou, existe um posto de aquisição de escravos, o chamado “Gulag”, cujo chefe é simultaneamente o chefe da GPU. A fim de entregar rapidamente o material escravo exigido pelos campos, a GPU iniciou suas ondas de prisões. Por meio de seus negócios florescentes, esse “Gulag” se tornou um verdadeiro paraíso para vigaristas, onde os grupos de judeus que se aninharam lá não apenas ganham somas enormes, mas também são moralmente honrados na sociedade soviética por meio da entrega de prêmios especiais. O “Gulag” faz contratos com o banco estatal, do qual é pago pela utilização em massa do material de trabalho.

Essa captura humana na URSS é feita sob slogans variáveis. Houve a campanha governamental pela “dekulakização” (aniquilação de grandes e médios agricultores) nos anos de 1923 a 1926, pela qual milhões de camponeses foram enviados para as florestas primitivas da Sibéria e da Carélia. Depois, houve a batalha pela “coletivização da economia soviética” em 1926, pela qual centenas de milhares dos chamados parasitas das economias coletivas foram presos. Também foram realizadas campanhas contra os parasitas da indústria. Dessa forma, adquiriu-se trabalhadores qualificados e engenheiros para os novos centros de armamento. E assim a

captura humana foi realizada no paraíso escravo vermelho com slogans variáveis e sucesso crescente.

Miséria dos trabalhadores florestais

Mas a vida desses trabalhadores forçados nas grandes florestas do norte da Rússia desafia qualquer descrição. Pessoas que nunca tinham visto uma floresta, vindas das regiões de estepe do sul da Rússia, tinham que realizar trabalhos que nem mesmo um madeireiro treinado poderia ter feito. Certamente, cada homem banido tinha direito a certas rações de alimentos. Mas elas só poderiam ser distribuídas se o desempenho total de trabalho exigido de toda a “colônia” fosse alcançado. E isso era impossível. A fome e a exaustão, as doenças e a morte eram o resultado dessa alimentação deficiente.

No meio do período de geadas mais severas, esses infelizes tiveram que trabalhar na floresta sem sapatos adequados e roupas quentes.

Não havia assistência médica, remédios e bandagens. Esses trabalhadores forçados foram aniquilados intencionalmente. K. Albrecht escreve sobre suas moradias:

"Em uma fileira de cavernas baixas de terra, cuja cobertura consistia em galhos e ramos, os camponeses de toda a Rússia eram alojados com suas famílias. Embora esses buracos de terra que serviam de moradia estivessem localizados no meio da floresta, de modo que a madeira para aquecimento era abundante, eles não tinham aquecimento. Esses infelizes sentavam-se ou deitavam-se no chão frio, totalmente destruídos pela fome e pelas privações, pelas preocupações e pela tristeza, olhando apaticamente para si mesmos. Muitos deles não comiam um pedaço de pão há dias, para não dizer que não tinham levado algo quente aos lábios. Tremendo de frio, as crianças, já meio famintas, se abraçavam às mães e aos pais com gestos cansados e tristes, pedindo-me pão. Durante meus quatro anos de guerra no front, eu certamente havia visto muita miséria, e havia visto muita miséria lamentável durante os longos anos de minha vida soviética, mas esse horror superou tudo o que um cérebro humano pode inventar em termos de malícia, baixeza e crueldade sem sentido."

(Albrecht, páginas 158 e 162)

Orgias sexuais da juventude

Mas Stalin ainda não estava satisfeito com isso. Ele se certificou de que até mesmo jovens de ambos os sexos com idade entre 14 e 18 anos fossem enviados para os campos de trabalho na floresta. Ano após ano, um número cada vez maior desses jovens era enviado para as florestas, a fim de afastá-los da influência de seus pais e, por meio da permissão do “comportamento sexual mais livre”, conquistá-los para o partido comunista.

Entre esses tormentos está também o terror sangrento dos guardas e comandantes. A GPU havia decretado uma recompensa de cinco rublos para cada fugitivo trazido de volta vivo, mas 500 rublos de farinha se estivesse morto. Assim, um dos guardas, depois de olhar em volta para ver se estava sozinho, chamou um trabalhador forçado durante um intervalo de trabalho, colocou uma chaleira em sua mão e ordenou que ele fosse até o riacho a 25 metros de distância e buscasse água para ele. Sem suspeitar, o jovem trabalhador forçado partiu, e então o sentinela pegou seu rifle e atirou no infeliz pelas costas. De acordo com os regulamentos, somente os trabalhadores forçados alvejados pela retaguarda eram reconhecidos como “fugitivos alvejados durante uma fuga”.

(Albrecht, página 181).

Seja na construção do canal do Mar Ártico, nas regiões florestais ou nos novos centros industriais: Os carrascos de Stalin e seus assassinatos de judeus ocorreram em toda parte.

Capítulo nove

Observação final

O bolchevismo governou por 24 anos. Ele sacrificou milhões de pessoas ao Moloch da industrialização e também sacrificou o bem-estar material de todo o povo.

Esse é apenas um lado, e de fato o lado mais inofensivo, da URSS.

Teria de ser o judeu que governava em Moscou para saber que mesmo a horrível miséria da massa de milhões de pessoas ainda não estava totalmente segura de seu governo. Assim, ele também destruiu todos os pré-requisitos sobre os quais as pessoas podem construir: ele travou a luta contra Deus com fanatismo e promoveu o caos racial. Não é coincidência que os judeus do mundo inteiro tenham ajudado a ocultar os eventos na Rússia.

Todos esses discursos pacíficos e referências ao “interessante experimento social” na Rússia tinham como objetivo apenas ganhar tempo até que fosse possível deformar de tal forma um povo inteiro, enorme, que se pudesse ousar usar essa poderosa massa para conquistar o resto do mundo. Além dessa deformação do povo, certamente ocorreu uma reprodução no sentido negativo: o desenvolvimento de um novo “estrato de liderança” a partir da grande escória da sub-humanidade intelectualmente talentosa dos guetos judeus e dos bastardos tártaros-eslavos.

Hoje reconhecemos o efeito dessa contaminação nos soldados do exército soviético. Até pelo menos os jovens de quatorze anos de idade do ano de 1917, ou seja, os que hoje têm 38 anos, todos os soldados ativos e reservistas são 100% treinados e moldados pelo bolchevismo. Do restante, apenas aqueles que foram testados mil vezes pelos soviéticos se mantiveram. De fato, uma força armada totalmente bolchevique! E esses milhões foram, com todos os meios de psicologia de massa e lavagem cerebral, com antolhos e proletarização e o fanatismo do impulso bestial, moldados e transformados em máquinas. Máquinas que foram construídas para o ataque, para esmagar, para matar, para a aniquilação cega.

Máquinas que estão longe de qualquer humanidade como ferro morto e mecanismo insensível.

Máquinas para as quais a morte significa apenas a incapacitação de uma parte individual, que é rapidamente substituída.

Máquinas que não podem ser subitamente transformadas em pessoas novamente para serem razoáveis ou terem compaixão pelos indefesos.

E essas máquinas têm à sua disposição outras máquinas, aviões, tanques, armas e armamentos de todo tipo. Durante 20 anos, dia após dia, o capataz com o chicote, o comissário com o revólver, o ditador com seu carrasco ficaram atrás dos camponeses, trabalhadores e engenheiros.

Canais e ruas estratégicos em direção ao oeste foram construídos.

Para a alegria do homem, para sua paz? O ódio estava por trás de tudo o que teimosamente acontecia na URSS. O ódio dos excluídos, dos párias judeus.

Uma onda de aço cega, impiedosa, deveria varrer a Alemanha e a Europa. Triunfo do materialismo, que se propôs a dominar o trabalho, triunfo da fúria judaica de destruição e arrogância.

O destino quis o contrário. Os exércitos alemães não se reuniram um momento sequer antes do previsto para enfrentar a ameaça judaico-bolchevique.

O Reich já se tornou muitas vezes o salvador da Europa contra as inundações de aniquilação vindas do leste. E, mais do que nunca, a Alemanha olha com confiança e gratidão para o Führer, que, com a aniquilação do eterno inimigo judeu, coroa seu trabalho e lhe dá permanência.